



Piccole Suore Missionarie della Carità
(Opera Don Orione)
Casa generale
Via Monte Acero, 5 – 00141 Roma
www.suoredonorione.org



Prot. MG 53/25

“Ajudar os outros a renascer”

Assunto: Circular do Advento 2025

Queridas Irmãs!

Escrevo esta carta ao final do Jubileu da Família Carismática Orionina (FCO). Quem participou diretamente ou espiritualmente através das comunicações pôde ver e sentir a alegria de ser Família, de caminhar e testemunhar juntos como peregrinos da esperança.

Carrego no coração ainda outra experiência: a vivida na Argentina, durante a Assembleia Geral do Movimento Laical Orionita (MLO) e a Assembleia Geral de Verificação dos Filhos da Divina Providência (FDP). Recordo também a peregrinação da Família Carismática Orionita (FCO) ao Santuário de Nossa Senhora Aparecida, no Brasil, no coração da Mãe que sempre ama e protege.

A participação nestes eventos me deu um novo impulso para viver e promover o caminho da comunhão, porque somos criados à imagem de Deus – comunhão de Pessoas. Na nossa história carismática, a Virgem Maria mostrou a Dom Orione que, sob o seu manto celeste, somos como uma única família de diferentes rostos, um povo que caminha junto na complementaridade de cada membro.

Para caminhar juntos, como hoje nos incentiva a Igreja, é necessário desenvolver e amadurecer, pessoal e comunitariamente, a capacidade de relações: cuidar, em nós mesmas, da autoestima, da consciência da nossa dignidade humana e da capacidade de nos tornarmos cada vez mais pessoas à imagem de Deus, fazendo o mesmo em relação aos outros, especialmente aqueles com quem vivemos e nos encontramos.

Maria Santíssima é para nós um exemplo sublime desse caminho. Ela, humilde serva do Senhor e filha amada do Pai, sob a ação do Espírito Santo, acolheu com seu SIM generoso o Filho de Deus, deu Jesus ao mundo e o fez crescer para cumprir sua missão messiânica.

E nós, hoje, cada uma pessoalmente, somos chamadas a viver autenticamente o processo ‘transformador’, ou seja, batismal: morrer para o homem velho e nascer como novas criaturas, ‘nascer do alto, do Espírito’, e realizar essa sublime missão: ‘ajudar os outros a renascer’ como pessoas mais verdadeiras, mais realizadas, mais conscientes da filiação divina, ‘para que nossa alegria seja plena’. (cf. Jo 15,11).

Como podemos ajudar alguém a renascer?

Esta pergunta poderia estar no coração do Advento de 2025, um questionamento que desperta inquietação e, ao mesmo tempo, um impulso de busca e de ação. O caminho do Advento será frutífero para nós se conseguirmos crescer no dom sincero de nós mesmas, para ajudar os outros a viver melhor ao nosso lado — na comunidade, na obra, no serviço e na pastoral.

O Papa Francisco escreveu na encíclica *Fratelli tutti*:

“Um ser humano é feito de tal maneira que não se realiza, não se desenvolve e não pode encontrar sua plenitude senão através de um dom sincero de si” (GS, 24). E igualmente não chega a reconhecer

profundamente sua própria verdade sem o encontro com os outros: ‘Só consigo me comunicar efetivamente comigo mesmo na medida em que me comunico com o outro’. Isso explica por que ninguém pode experimentar o valor da vida sem rostos concretos para amar. Aqui está um segredo da autêntica existência humana, porque “a vida subsiste onde há vínculo, comunhão, fraternidade; e é uma vida mais forte que a morte quando é construída sobre relações verdadeiras e vínculos de fidelidade. Ao contrário, não há vida onde se pretende pertencer apenas a si mesmo e viver como ilhas: nessas atitudes prevalece a morte” (87).

E continua a sua reflexão: “Do íntimo de cada coração, o amor cria vínculos e amplia a existência quando faz sair a pessoa de si mesma em direção ao outro. Somos feitos para o amor e há em cada um de nós ‘uma espécie de lei de êxtase’: sair de si mesmo para encontrar nos outros um crescimento do ser” (88).

A vida nasce do amor gratuito, como o de Deus. Nas últimas duas encíclicas, *Dilexit nos* e *Dilexi te*, encontramos o mesmo fio condutor e um convite insistente, quase súplica, para seguir nessa direção a fim de encontrar a alegria.

Este convite também está em nossas Constituições e Normas que estamos relendo e nas linhas e decisões do nosso 13º Capítulo Geral: “Ser mulheres, irmãs e mães..., geradoras de ‘vida nova’, missionárias de coração samaritano...”. Sabemos que isso acontece “sob a sombra do Espírito Santo” e os Santos são a confirmação disso.

Alguns exemplos

Comoveu-me profundamente o testemunho de Juan Ravinalle, um ex-aluno de Dom Orione. Em 1905, após dois anos, foi expulso do colégio de Dom Bosco em Turim por má conduta, com a intenção de enviá-lo a uma instituição para menores. O antigo pároco da cidade se interessou por ele e o direcionou para o Paterno de Tortona. Ele relata: “Dom Orione leu uma carta que eu tinha e que me foi entregue pelo meu antigo pároco... Ele me olhou fixamente, sem dizer uma palavra, e me deu um punhado de doces”. Depois, o colocou em um quarto próximo para observá-lo. Ele fez várias coisas, mas – Juan confessa – “Dom Orione tinha proposto fazer de mim um homem de mansidão e paciência, e conseguiu.” E acrescentou que Dom Orione costumava brincar: “O Senhor me deu duas penitências: este menino e este cavalo velho.”

“Juan depois mudou-se para a Argentina e conseguiu um bom emprego. Após quase 25 anos, sabendo que Dom Orione estava na Argentina para o Congresso Eucarístico de 1934 e informando-se sobre sua residência na Calle Victoria 2084 (onde estavam as irmãs e continuam ainda hoje), foi visitá-lo. Ele conta: ‘Eram nove horas da manhã; fiz-me anunciar como ex-aluno, sem dizer meu nome e fui recebido imediatamente. Ele veio, me abraçou pelo pescoço, pronunciou meu nome, e lágrimas abundantes surgiram em nossos olhos. Aquele abraço, o mais terno, afetuoso, sincero e puro de toda a minha vida, sinto no coração todos os dias, na verdade, a cada instante da minha vida. Guardo muitas lembranças preciosas de Dom Orione e manuscritos com sua assinatura; mas que recordação melhor do que minha própria pessoa, que aquele santo homem soube, na minha juventude, regenerar?’

Para reflexão pessoal

Que valor damos aos nossos olhares, atos de paciência, gestos de acolhimento e palavras de encorajamento? Sentimos que, justamente na relação empática e paciente com o outro, ocorre uma comunicação benéfica que dá vida, transforma e regenera? Lembro de algum momento?

Neste tempo de Advento, aprendamos também com nossa querida coirmã Ir. M. Plautilla, já venerável, a assimilar aquela caridade que gera a vida nova.

Ir. M. Pellegrina testemunha:

“Irmã M. Plautilla era paciente, doce, sempre sorridente. Intuí as necessidades das enfermas e as prevenia. Cuidadosa, sempre disponível; quando lhe pediam um favor, fazia o possível para responder positivamente (...) ela amava a todos, perdoava a todos, ajudava a todos. Nunca a vi ficar com raiva, levantar a voz ou se sentir ofendida de alguma forma, não importava o que alguém lhe fizesse. Certamente, sua caridade era um amor que encontrava sua fonte em Deus e se estendia às suas coirmãs, aos doentes e a todos que encontrava. Simples e sincera, ela via o bem nos outros e gostava de destacá-lo” (Positio, 18-20).

A Irmã M. Fiorina relata: “Fui enviada ao Paverano durante a guerra para auxiliar a irmã enfermeira. Naquela época, eu desconhecia completamente as doenças e os tratamentos, e me vi em contato direto com os enfermos. Tive a sorte de ter a Irmã Plautilla ao meu lado, que era como uma irmã carinhosa, ajudando-me e ensinando-me. Nela encontrei a personificação da ‘irmã orionita’, como me foi apresentada durante meu noviciado.

Duas vezes por semana eu tinha que passar a noite com os doentes. Confidenciei à Serva de Deus que tinha medo de ficar sozinha com aqueles pacientes, especialmente porque eram doentes mentais; meu medo era, acima de tudo, de não conseguir ajudar adequadamente uma dessas mulheres doentes quando ela estivesse em perigo de morte.

A Serva de Deus me encorajou e me convidou a chamá-la em caso de necessidade, bastando tocar em sua cama; ela se vestiria e viria me ajudar (...).

Ela desempenhou sua função como religiosa enfermeira com tanto amor e alegria e prontidão, mesmo diante de pacientes repulsivos; quando terminava o trabalho, acariciando o rosto, dizia: ‘Vamos, veja como você está linda agora?’.

Suas expressões habituais, especialmente em momentos difíceis, eram: ‘Vamos, coragem, façamos tudo por Deus! O Senhor vê tudo’.

Se eu tivesse que perguntar algo, não ousava fazê-lo nos momentos em que a via rezando. Na verdade, ela costumava dizer que, assim como encontramos tempo para todas as outras coisas, muito mais devemos encontrá-lo para Deus; acrescentava que, na oração, encontrava forças para se recuperar” (Positio, 80 ss).

Para reflexão pessoal

A caridade da Irmã M. Plautilla encontrava a sua fonte em Deus e se estendia às suas irmãs, aos doentes e àqueles que encontrava. Onde você busca a força para alimentar a sua doação cotidiana para que possa gerar a vida nova?

Perguntei a algumas de vocês: “Como posso ajudar alguém a renascer...?” e recebi boas respostas...

Uma de nossas irmãs jovens escreveu: “Para mim, ajudar alguém a renascer significa ajudá-lo a descobrir-se, a florescer, a sentir-se vivo e reconhecido. Humanamente, isso significa: aceitação autêntica, escuta verdadeira sem julgamento, para que o outro se sinta reconhecido; ser uma pessoa de confiança capaz de apoiar os outros; ser capaz de pequenos gestos concretos: um incentivo, um sorriso; oferecer um testemunho de vida: viver com coerência e gratidão; proporcionar oportunidades de crescimento pessoal e profissional, como estágios, cursos de formação e experiências; estar presente em momentos difíceis; caminhar espiritualmente juntos; transmitir esperança; rezar pelos outros; partilhar a Palavra de Deus; ser presente na sua vida.”

Outra resposta: “Ajudar alguém a renascer significa, antes de tudo, reconhecê-lo como pessoa, com um nome, uma identidade, uma dignidade; mas, para ajudar alguém a nascer, é preciso primeiro descentralizar-se para centrar-se no outro, é preciso estar aberto aos outros e não ser egocêntrico.

Maria foi capaz de dar à luz Cristo porque se esvaziou, se abriu e se concentrou inteiramente na vida que crescia em seu ventre e que ela precisava levar à plenitude. Ela estava completamente concentrada na criança que estava prestes a dar à luz, sem pensar em si mesma.

Para ajudar no parto, a obstetra concentra-se na pequena criança que está para nascer, espera com paciência e respeita a chegada do bebê, cuida da sua segurança, da sua saúde e o recebe com ternura, dignidade e amor.

Uma pessoa nasce quando é considerada, apoiada e ajudada a desenvolver todo o seu potencial, quando é respeitada em sua individualidade e valorizada.

Alguém não nasce, pelo contrário, morre, quando é olhado com indiferença, quando é esmagado, quando é ignorado e humilhado em sua dignidade e nas suas potencialidades; quando não é considerado digno de atenção, de escuta e delicadeza, e tornado invisível em sua própria identidade.

Todos nós podemos ajudar alguém a renascer e podemos fazer alguém ‘morrer’. Se eu tiver experimentado a vida em mim mesma e encontrar ‘Aquele’ que me fez nascer como pessoa, terei a capacidade de ajudar alguém a ter vida, alegria e o sentido do amor paterno e materno de Deus.”

E concluo com a terceira resposta: “É um serviço muito importante, que exige muita responsabilidade; por isso, é preciso preparar-se. Acompanhar a evolução da pessoa no dia a dia, abrir o coração para acolhê-la e organizar tudo o que for necessário para que, quando nascer, tudo já esteja pronto, pois o nascimento não deve ser improvisado.”

Como nos preparamos para sermos geradoras da vida que anseia emergir dentro de cada uma de nós e que precisa de amor, de afeto, de alimento, de reconhecimento, de educação, de objetivos e esperanças?

Como acolhemos quem está próximo de nós na comunidade, no apostolado e no serviço? Valorizamos os seus dons, propostas e sugestões? Damos espaço para a expressão criativa de seus talentos pelo bem comum da missão? Sabemos colaborar em equipe, em diálogo e na busca de soluções para uma melhor qualidade de vida?

Muitas perguntas surgem em nosso coração. O Advento é um tempo de espera, preparação e questionamentos, como viveu a Imaculada Virgem Maria. Juntamente com ela, experimentamos este tempo de graça para continuarmos o nosso próprio processo de renascimento para uma nova vida e para ajudarmos os outros a renascer, a fim de ‘viver Cristo e fazer com que o mundo inteiro viva Cristo’, e para podermos cantar no Natal, com alegria: ‘Glória a Deus nas alturas e paz entre os homens e mulheres amados pelo Senhor!’. Assim, damos continuidade a esta extraordinária aventura rumo ao Ano Novo de 2026.

Em comunhão com as Irmãs do Conselho Geral, saúdo-as e desejo um Feliz Natal!



M. Alicja Kędziora

Madre M. Alicja Kędziora
Superiora Geral

Ler a carta em comunidade e fazer uma breve ressonância. Durante esse tempo, refletimos e colocamos em prática as propostas pessoais e, ao final do Advento, partilhamos nossa experiência com as Irmãs da comunidade.

Roma, Casa Geral, 25 de novembro de 2025.